

A Escola enquanto campo de conflito de grupos juvenis. Gustavo de Souza Pinto, Vânia de Fátima Martino. - Inter-áreas – Humanas – Departamento de Educação Ciências Sociais e Política Internacional. - Faculdade de História, Direito e Serviço Social. - Campus de Franca.

A presente pesquisa tem por objetivo refletir sobre a inserção de grupos juvenis no universo escolar, analisar as relações entre professor/aluno, direção/aluno e aluno/aluno, bem como a correlação entre estes desdobramentos e a violência escolar. Para tanto foi feito um “estudo de caso” da Escola Estadual Oscar Villares, localizada ao centro do município de Mococa-SP, que oferece o ensino fundamental, médio e supletivo, abarca 41% dos alunos do ensino médio da cidade. Observou-se aulas, reuniões pedagógicas, participou-se de atividades com os alunos, interagiu-se com os mesmos nos intervalos, pesquisou-se atas de reuniões, livros de advertência e realizou-se também pesquisa de campo com todos os envolvidos com a instituição escolar, através de entrevistas estruturadas e semi-estruturadas. Posteriormente, os dados foram submetidos a uma análise estatística crítica e correlacional.

O levantamento bibliográfico realizado sobre o tema, revelou a inexistência de estudos delimitados a óptica da violência escolar enquanto relacionada aos grupos juvenis. Estes grupos por sua vez, passam a ver e transformar a Escola que é um espaço de convivência social e pólo de aglutinação juvenil, portanto em um campo de conflito. São diversos os fatores determinantes para que a Escola se torne campo de conflito destes grupos. Os grupos são heterogêneos, possuem uma diversidade cultural e linguagens próprias, as gírias. É através desta linguagem que eles se comunicam com o mundo – e isto é inteligível para a Escola, ficando clara a dissonância existente entre os atores que fazem parte do universo escolar.

Os grupos juvenis praticam a demarcação de território em pequenos recortes físicos da cidade, seja este território físico ou simbólico, isto porque os jovens possuem um sentimento de pertença tanto ao grupo quanto ao território. Desta forma, a Escola passa a ser vista como um campo neutro ou livre a ser conquistado ou ocupado, e então, passam a ocorrer constantes conflitos entre estes grupos juvenis.

O maior desafio nesta pesquisa foi investigar e compreender como a violência escolar se constrói e se estrutura no cotidiano escolar. A Escola não está preparada para lidar com conflitos, renega a heterogeneidade dos grupos juvenis e sua diversidade cultural, e impõe a homogeneidade. Assim, ela deixa de cumprir o seu papel de instituição socializadora e reproduz justamente o que a sociedade renega aos jovens: a desagregação de valores, dando margem para que eles reproduzam a violência cotidiana dentro da Escola.